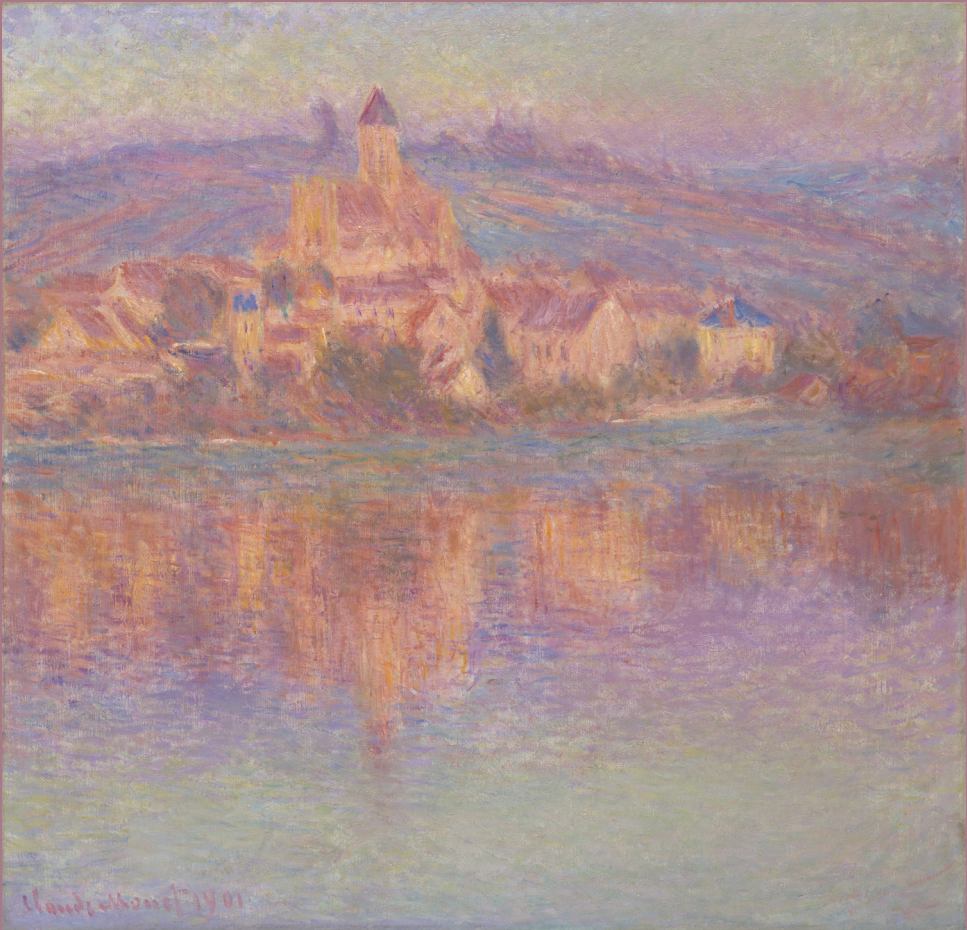


CADERNOS

28

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Caminhos e fronteiras da tradução literária

Os diálogos entre Njǫrðr e Skaði (*Gylfaginning*, 23) e Hadingus e Regnilda (*Gesta Danorum*, I. 8. 18-9): duas traduções comentadas

*Henrique Verri Fiebig**

Resumo: O presente artigo oferece uma tradução comentada, para o português brasileiro, de dois diálogos, um entre o deus nórdico Njǫrðr e sua cōnjuge Skaði, e outro entre o lendário rei dinamarquês Hadingus e sua esposa Regnilda. O primeiro é um conjunto de duas estrofes compostas em nórdico antigo, que pertencem ao corpus da chamada poesia éddica e foram preservadas na Edda em prosa de Snorri Sturluson; o segundo é a tradução, ou reelaboração, destas duas estrofes na forma de dois poemas em língua latina, levada a cabo pelo historiógrafo danês Saxo Gramático, em sua *Gesta Danorum*.

Palavras-chave: Poesia Éddica; Saxo Gramático; *Gesta Danorum*; Tradução.

Abstract: This paper aims to provide a Brazilian Portuguese translation, accompanied by commentaries, of two dialogues: one between the Norse god Njǫrðr and his consort Skaði, and the other between the legendary Danish king Handingus and his wife Regnilda. The first dialogue comprises two Old Norse Eddic stanzas preserved in Snorri Sturluson's Edda, while the second is their Latin rendering by the Danish historiographer Saxo Grammaticus, as found in his *Gesta Danorum*.

Keywords: Eddic Poetry; Saxo Grammaticus; *Gesta Danorum*; Translation.

(*) Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Apresentação

O historiógrafo danês Saxo Gramático, de quem pouco se sabe além do nome, escreveu, aproximadamente entre os anos de 1188 e 1208, a *Gesta Danorum*, uma história da Dinamarca em língua latina e em forma de *prosimetrum*, isto é, numa mistura entre prosa e verso, que se estende ao longo de dezesseis livros e um prefácio.

Especificamente no prefácio, o autor estabelece, entre outras coisas, quais são as suas fontes e o quanto o seu próprio relato lhes é fiel, fundamentando a *auctoritas* de sua narração em três pilares principais: os volumes e vestígios, em pedra e rocha, deixados em língua vernácula pelos dinamarqueses de outrora (GD, Pref. 1. 3); os feitos e histórias coletados e registrados pelos islandeses, largamente utilizados por ele no tratamento da *vetustas*, dos tempos remotos (GD, Pref. 1. 4); e as informações diretas das testemunhas oculares dos eventos (GD, Pref. 1. 5).

A fidedignidade do seu relato residiria, por sua vez, na verdadeira tradução (*uera translatio*) do teor de suas fontes vernáculas. Nesse sentido, a respeito do tratamento dos registros transmitidos pelos daneses de antanho, ele afirma (GD, Pref. 1. 3):

Quorum uestigiis ceu quibusdam antiquitatis uoluminibus inherens tenoremque ueris translationis passibus emulatus metra metris reddenda curauit, quibus scribendorum series subnixa non tam recenter conflata quam antiquitus edita cognoscatur, quia presens opus non nugacem sermonis luculentiam, sed fidelem uetustatis notitiam pollicetur.

Fiando-me nesses seus vestígios como se fossem volumes da antiguidade, e tendo emulado seu teor com os passos de uma verdadeira tradução, cuidei que os versos fossem vertidos em versos; sendo baseada nisso, a série de coisas que serão escritas deve ser reconhecida não tanto como algo recentemente compilado quanto como algo há muito transmitido, pois a presente obra oferece não um frívolo esplendor de estilo, mas o fiel conhecimento de priscas eras¹.

Pesquisadores como Olrik (1894) buscaram identificar essas fontes, orais ou escritas, dinamarquesas ou noruego-islandesas, que teriam sido utilizadas ou traduzidas no processo de confecção das narrativas da *Gesta Danorum*. Dentre elas, destacam-se duas estrofes éddicas, dialógicas e de matéria mitológica, elaboradas

1 Tradução nossa.

em língua nórdica antiga, que foram transmitidas pelo islandês Snorri Sturluson na chamada Edda em prosa (*Gylfaginning*, 23), tratado de poética escrito no decorrer do primeiro quarto do século XIII.

Ambas as estrofes formam um diálogo entre Njǫrðr, deus nórdico relacionado ao mar, e sua esposa, a gigante Skaði, ligada às montanhas. Ora, após um desejar que vivessem junto às montanhas e o outro que ficassem junto ao mar, eles acordam passar nove noites nas montanhas de Prymheimr, antiga morada de Piazí, pai de Skaði, e nove noites nas águas de Nóatún, habitação marinha de Njǫrðr. Na primeira estrofe, o deus expressa o incômodo que foi se hospedar nos montes, enquanto, na segunda estrofe, a gigante exprime o desconforto que lhe causa o oceano.

É sabido que os versos em questão foram traduzidos, ou reelaborados, por Saxo em um episódio distinto do original: tornaram-se um diálogo entre o lendário rei dinamarquês Hadingus e sua esposa, Regnilda.

Em seu relato (GD, I. 5.7-8.27), lemos que Hadingus, filho de Gram e Signe, rei e rainha da Dinamarca, é levado à Suécia após o assassinato de seu pai pelas mãos do rei da Noruega, Suibdagerus, que assume para si o trono danês.

Na Suécia, Hadingus é criado pelo gigante Vagnhofthus e sua filha Harthgrepa, que deseja posteriormente ter com ele união; primeiro ele a refuta, mas depois a aceita. E como ele desejasse regressar à Dinamarca natal, ambos seguem para lá; todavia, Harthgrepa é morta no caminho por seres sobrenaturais. Hadingus encontra, então, um ancião de um olho só que lhe apresenta a um pirata chamado Liserus; juntos eles envolvem-se em diversas expedições de guerra e saque no Mar Báltico, através das quais Hadingus conquista fama e renome.

Retornado à Suécia, consegue vingar seu pai ao matar Suibdagerus, que o ataca, e retomar o trono danês. Enquanto rei da Dinamarca e da Noruega e depois de uma série de outras aventuras, Hadingus casa-se com Regnilda, filha do rei dos nidarosianos, e passa muitos anos em paz ao lado dela. No entanto, ele começa a sentir saudades de seus tempos no mar em busca de butim, o que faz crescer nele a vontade de retomá-los; por outro lado, Regnilda não tem apreço pelo oceano, e lhe interessa permanecer em terra firme.

É nesse contexto, em que um deseja o mar e o outro a terra, que se insere a versão das duas estrofes apresentada por Saxo. E acreditando que nos seja possível vislumbrar, ao menos em parte, o modo como o historiógrafo danês verteu para o latim os textos nórdicos antigos, em geral, observando sua transposição dessas duas estrofes, em particular, oferecemos a seguir uma tradução versificada, em português brasileiro, tanto das estrofes éddicas quanto da adaptação feita pelo *grammaticus*, acompanhada de comentários que visam esclarecer não só alguns aspectos métricos

dos versos originais, em nórdico antigo e latim, mas também os critérios a partir dos quais nos guiamos em nossa versão.

O diálogo entre *Njǫrðr* e *Skaði* (*Gylfaginning*, 23)

A poesia nórdica antiga é dividida pelos estudiosos em duas categorias distintas: a escáldica e a éddica.

A poesia escáldica – termo derivado do nórdico antigo *skald*, “poeta” –, que se desenvolve nas cortes da Escandinávia Ocidental entre os séculos IX e XIII e é de natureza eminentemente oral e encomiástica, tem como matéria pessoas e eventos contemporâneos; sua composição, geralmente de autoria conhecida, caracteriza-se pelo amplo uso de *kenningar*, espécie de perífrase de caráter mitológico-alusivo constituída por um substantivo central qualificado por um ou mais substantivos genitivos ou adjetivos, e pelo emprego, no mais das vezes, do *dróttkvætt*, metro composto de estrofes estruturadas em quatro pares de hemistíquios aliterativos (GADE, 1995, pp. 1-3; MOOSBURGER, 2014, p. 414).

Por outro lado, a poesia éddica, que é também oral, mas precede a escáldica no tempo, é definida como aquela composta conforme os metros empregados no *Codex Riegus*, códice islandês datado do século XIII que preservou um conjunto de poemas aliterativos, anônimos e de matéria heroica, gnômica e mitológica, hoje comumente chamado de Edda poética (GADE, 1995, p. 2; FULK, 2016; p. 252). Tal definição abarca, também, outros poemas e fragmentos de poemas que não estão contidos no referido códice, mas que lançam mão dos mesmos metros, como é o caso das duas estrofes aqui traduzidas, preservadas na Edda de Snorri Sturluson.

A propósito dos metros, são três os utilizados na composição da poesia éddica: o *fornyrðislag* (“o modo das antigas palavras”), o *málháttr* (“metro da fala”) e o *ljóðaháttr* (“o metro da canção”)².

O *fornyrðislag*, o mais antigo deles, é um verso formado por dois hemistíquios separados por uma cesura e unidos por aliteração. Cada hemistíquio possui duas sílabas tônicas (ictos) e duas sílabas átonas, e a aliteração ocorre sempre nos ictos, uma ou duas vezes no primeiro hemistíquio, e uma vez no segundo. Essa aliteração segue o padrão do verso germânico ocidental, a saber: a aliteração consonantal requer sempre exata correspondência fonética, a qual não é necessária

2 Para a explanação acerca dos metros éddicos, seguimos os apontamentos de Gade (2002, pp. 856-63) e Fulk (2016, pp. 252-70).

na aliteração vocálica. Organiza-se, no mais das vezes, em estrofes constituídas de quatro versos.

Os outros dois metros são variações deste. O *málaháttr* é considerado uma forma expandida do *fornyrðislag*, pois que cada hemistíquio é dotado de cinco posições métricas, ou sílabas poéticas, ao invés das quatro do metro anterior.

Já o *ljóðaháttr*, mais inovativo, é também ordenado em estrofes de quatro versos, mas sua estrutura é singular: cada estrofe consiste de duas meia-estrofes compostas de um verso formado por dois hemistíquios aliterados, seguido de um assim chamado verso-inteiro, autônomo, que não alitera com os demais, apenas consigo mesmo. A aliteração dos hemistíquios segue, mui proximamente, aquela do *fornyrðislag*; todavia, é comum que o primeiro hemistíquio seja hipométrico, com duas ou três posições métricas, e que o segundo seja hipermétrico, com cinco ou seis posições métricas. O verso-inteiro pode tanto ter quatro posições métricas quanto ser hipermétrico, e a aliteração recai em dois ou três ictos.

Sendo a variação mais utilizada em poemas dialógicos, o *ljóðaháttr* é o metro utilizado na composição do diálogo entre Njǫrðr e Skaði; na tradução a seguir, buscamos transpor ao português, dentro do possível, algumas de suas características.

Primeiramente, consonante às possibilidades oferecidas pelo próprio *ljóðaháttr*, mais livre que aquela do *fornyrðislag* de quatro posições justamente porque heterométrico, pois propenso a ser tanto hipométrico (no primeiro hemistíquio) quanto hipermétrico (no segundo hemistíquio e no verso-inteiro), concedemo-nos reproduzir essa maior liberdade em nossa tradução. Assim, escolhemos verter o primeiro hemistíquio em trissílabos ou quadrissílabos; o segundo hemistíquio em quadrissílabos, pentassílabos ou hexassílabos; e da mesma maneira o verso-inteiro: em quadrissílabos, pentassílabos ou hexassílabos³.

No que toca às aliterações, elas podem ocorrer uma ou duas vezes no primeiro hemistíquio e uma vez no segundo, sempre em sílabas tônicas. No verso-inteiro, no original e na tradução, há sempre duas sílabas aliteradas. A correspondência fonética procura o padrão da poesia germânica em geral: exata quando consonantal, variável quando vocálica.

Por fim, junto às estrofes, acrescentamos os parágrafos que imediatamente as precedem na Edda em prosa, nos quais se pode notar a ocorrência de alguns nomes

3 Convém dizer que não se trata uma tradução em versos livres propriamente; embora permita um diferente número de sílabas por linha, ela busca respeitar as variações possíveis no metro das três unidades que compõem a meia-estrofe do *ljóðaháttr* original, bem como manter a estrutura dual dos hemistíquios e a unidade característica dos versos-inteiros.

próprios – Njörðr, Skaði, Þjazi, Þrymheimr e Nóatún –, cujas formas nominativas e grafia nórdica antiga decidimos adotar na versão portuguesa.

A tradução foi feita a partir da edição de Faulkes (SNORRI STURLUSON, 2005) para o Prólogo e o *Gylfaginning* da Edda em prosa.

Njörðr á flá konu er Skaði heitir, dóttir Þjaza jötuns. Skaði vill hafa bústað flann er átt hafði faðir hennar—flat er á fjöllum nokkvorum flar sem heitir Þrymheimr—en Njörðr vill vera nær sæ. Þau sættusk á þat at þau skyldu vera níu nætr í Þrymheimi, en þá aðrar níu at Nóatúnum. En er Njörðr kom aptr til Nóatúna af fjallinu þá kvað hann þetta:

Leið erumk fjöll—
varka ek lengi á,
nætr einar níu:
úlfa þytr
mér þótti illr vera
hjá sǫngvi svana.

Þá kvað Skaði þetta:

Sofa ek máttigak
sævar beðjum á
fugls jarmi fyrir;
sá mik vegr
er af víði kemr
morgun hverjan: már.

Njörðr tem uma esposa que se chama Skaði, filha do gigante Þjazi. Ela deseja ter a moradia que seu pai tivera, a qual se encontra em umas montanhas que se chamam Þrymheimr, mas Njörðr deseja estar perto do mar. Eles acordaram isso, que deveriam ficar nove noites em Þrymheimr e então outras nove em Nóatún. Mas quando Njörðr retornou das montanhas a Nóatún ele disse isso⁴:

4 Em nossa versão, diferentemente do que faz Faulkes, optamos por manter os hemistíquios na mesma linha, separados por uma cesura, forma de apresentação que é também habitual em outras edições modernas (FULK, 2016, p. 260). Assim o fizemos, pois tal formatação parece-nos mais adequada para a visualização da estrutura da estrofe do *ljóðahátt*, com seus dois pares de hemistíquios e dois versos-inteiros.

Maus me são os montes: lá não fiquei muito,
 só nove noites.
 O uivar dos lobos vil me era perto
 da canção dos cisnes⁵.

Então Skaði disse isso:

Dormir não pude no leito do mar:
 as aves chiavam.
 Me desperta, vinda do pélago,
 sempre cedo a gaivota.

O diálogo entre Hadingus e Regnilda (Gesta Danorum, I. 8. 18-9)⁶

Que as duas estrofes éddicas foram traduzidas, ou reelaboradas, por Saxo Gramático nos dois poemas que formam o diálogo entre Hadingus e Regnilda, isso foi há muito percebido. Bem antes de Olrik (1894, p. 9), Stephanius (1645, pp. 57-8) apontou, em sua edição comentada da *Gesta Danorum*, que [*h*]os *Rhythmos, quos Saxo παράφραστικῶς vertit, Edda Mythologia [...] tribuit Niordo cuidam, & uxori eius Skade*, isto é, que “esses versos que Saxo verteu παράφραστικῶς [parafrastricamente], a Edda em prosa [...] atribui a certo Niordo e à sua esposa Skade”. Mais recentemente, Dumézil (1970) argumentou, utilizando seu método comparativo da mitologia indo-europeia, que todo episódio acerca de Hadingus teria sido baseado em narrativas míticas associadas a Njǫrðr.

É sabido que Saxo lança mão de extenso número de metros latinos no decorrer de sua obra, os quais totalizam vinte e quatro diferentes tipos de versos quantitativos, alguns modelados a partir de autores como Horácio, Prudêncio e, especialmente, Marciano Capela, e outros cujos modelos são mais difíceis de precisar, como no caso de alguns dos metros não-estróficos (FRIIS-JENSEN, 1987, pp. 53-4).

5 Mantivemos o enjambement presente nos versos originais. O enjambement é um dispositivo bastante encontrado na poesia nórdica antiga em geral, já que, nela, a aliteração funciona como o principal recurso de coesão entre os elementos, em detrimento da unidade sintática do verso ou do hemistíquio. Para uma discussão sobre o tema, ver GADE (1995, pp. 202-8).

6 Uma primeira tradução desse diálogo, em versos livres, pode ser encontrada em Fiebig (2022, pp. 214-6).

Atribuído a Hadingus, o primeiro poema (GD, I. 8. 18) corresponde à fala de Njorðr e se vale de vinte versos decassílabos alcaicos. O decassílabo alcaico compõe o último verso da chamada estrofe alcaica, que tem, em latim, seu primeiro aparecimento nas *Odes* horacianas, nas quais é o metro mais comumente utilizado; sua cesura recai entre a quarta e a quinta sílabas (BECKER, 2012, pp. 118-9). A forma utilizada por Saxo é, no entanto, incomum, pois o decassílabo alcaico é raramente encontrado, na literatura latina, em forma não-estrófica (FRIIS-JENSEN, 1987, p. 54).

Os treze primeiros versos do poema são, de fato, como diz Stephanius, espécie de tradução parafrástica da estrofe nórdica antiga, nos quais se percebe alguns elementos presentes no texto original, como o desconforto do eu-poético masculino em relação às montanhas e ao canto dos lobos (vv. 1-6). Já os sete últimos versos parecem criação autoral do *grammaticus*, ou têm como modelo algum outro poema, da tradição nórdica ou não, que não nos foi legado ou ainda identificado pelos estudiosos; neles, se percebe matéria mais alinhada ao êthos de Hadingus enquanto um tipo de rei-pirata (ou rei-viking).

Esse poema traduzimos em versos decassílabos, com acentuação, necessariamente, na quarta e na décima sílabas, o que mantém o número de sílabas do original e reproduz, em alguma medida, o local da cesura do decassílabo latino.

A segunda estrofe, Saxo a verte em um poema de onze versos tetrâmetros trocaicos cataléticos, e os atribui a Regnilda (GD, I. 8. 19). Formado por sete pés trocaicos e meio, com forte cesura após o quarto pé, o tetrâmetro trocaico catalético latino, às vezes chamado de septenário trocaico, é um metro muito utilizado na poesia latina arcaica, e em especial na comédia plautina, pois sua sonoridade remetia ao ritmo da língua falada (HEIKINNEN, 2014, pp. 243-4). Posteriormente, foi revivido na hinografia tardo-antiga e alto-medieval e também por poetas carolíngios; ademais, foi discutido por Beda, o Venerável, em seu tratado *De arte metrica* (ibid., pp. 248-261).

O poema é, assim como o que lhe vem antes, uma versão parafrástica da estrofe original, e nele se vê a persistência da imagem a partir da qual os versos nórdicos se desenvolvem: o incômodo do eu-poético feminino com o canto das aves marinhas, porque não lhe deixam descansar ou dormir.

De nossa parte, escolhemos traduzir o tetrâmetro trocaico catalético por dois metros, um octossílabo, com acentuação na quarta e na oitava sílabas, seguido de heptassílabo com acentuação na quarta e na sétima sílabas, os quais acreditamos adequados à transposição dos sete pés e meio do metro latino, bem marcados pela cesura que os divide em duas metades.

A edição do texto em latim usada é aquela de Friis-Jensen (SAXO GRAMMÁTICO, 2014), e, mais ou vez, acrescentamos à tradução dos poemas os parágrafos em prosa que os introduzem.

8.18. Cumque sublato iam emulo complures annos per summam armorum desuetudinem rerum agitatione uacuis exegisset, tandem diutinum ruris cultum nimiamque maritimarum rerum abstinentiam causatus et quasi bellum pace iucundius ratus talibus seipsum culpae desidia modis aggredditur:

‘Quid moror in latebris opacis,
Collibus implicitus scruposis,
Nec mare more sequor priori?
Eripit ex oculis quietem
Agminis increpitans lupini
Stridor et usque polum leuatus
Questus inutilium ferarum
Impatiensque rigor leonum.
Tristia sunt iuga uastitasque
Pectoribus truciora fisis.
Officiunt scopuli rigentes
Difficilisque situs locorum
Mentibus equor amare suetis.
Nam freta remigiis probare,
Officii potioris esset
Mercibus ac spoliis ouare,
Aera aliena sequi locello,
Aequoreis inhiare lucris
Quam salebras nemorumque flexus
Et steriles habitare saltus.’

8.19. Cuius uxor ruralis uite studio maritimarum auium matutinos pertesa contentus, quantum in siluestrium locorum usu uoluptatis reponeret, hac uoce detexit:

‘Me canorus angit ales immorantem litori
Et soporis indigentem garriendo concitat.

Hinc sonorus estuose motionis impetus
Ex ocello dormientis mite demit ocium,
Nec sinit pausare noctu mergus alte garrulus
Auribus fastidiosa delicatis inserens,
Nec uolentem decubare recreari sustinet
Tristiore flexione dire uocis obstrepens.
Tutius siluis fruendum dulciusque censeo.
Quis minor quietis usus luce, nocte carpitur
Quam marinis immorari fluctuando motibus?

8.18. E, já aniquilado o rival, como tolerasse muitos anos sem ação devido a sua completa inatividade na prática da guerra, por fim [Hadingus] censurou o demorado cultivo da terra e a demasiada ausência dos assuntos marítimos e, como se julgasse a guerra mais alegre que a paz, começa a reprovar a si mesmo por sua indolência em versos tais:

“Por que me quedo em escuros refúgios,
pelas montanhas ásperas envolto,
e à velha moda o mar eu não persigo?
Tiram dos olhos a tranquilidade
o desafiante clamor da lupina
hoste, o lamento, elevado às alturas,
dos perigosos animais selvagens
e a rigidez impiedosa dos leões.
Tristes são os picos e tal vastidão
aos peitos fiados no que é mais bravio.
As inflexíveis rochas e a difícil
disposição do terreno são más
às mentes feitas a amar o oceano.
Melhor negócio me seria, portanto,
testar correntes marinhas a remo,
regozijar-me em espólios e bens,
encher o cofre da riqueza alheia
e cobiçar os marítimos lucros,
que nos sinuosos terrenos dos bosques
e nas ravinas secas habitar.”

8.19. Sua esposa, cansada das matinais sinfonias das aves marinhas e com desejo da vida rural, expôs, com estas palavras, quão grande prazer encontrava no modo de vida dos locais pastoris:

“A ave canora aflige a mim, que me demoro na costa,
e precisando de repouso ela me agita ao grasnar.
Aqui o furor das fervilhantes ondas, repleto de som,
subtrai aos olhos, quando durmo, aquele sono tranquilo;
nem descansar me assente à noite o mergulhão tagarela,
que em meus ouvidos delicados mete seu canto enfadonho
e não permite recobrar-me quando desejo deitar,
me perturbando com o triste timbre da voz agourenta.
Penso mais doce e sossegado aproveitar da floresta.
Quem colhe, à noite ou sob a luz, fruto o menor de quietude,
que se mantenha a flutuar nos movimentos do mar?”

Referências bibliográficas

- BECKER, Andre S. Rhythm in a Sinuous Stanza: The Anatomy and Acoustic Contour of the Latin Alcaic. In: *American Journal of Philology*, vol. 133, nº 1 (529). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2012, p. 117-152.
- DUMÉZIL, Georges. *Du mythe au roman. La Saga de Hadingus (Saxo Grammaticus, I, v-viii) et autres essais*. Paris: P.U.F., 1970.
- FIEBIG, Henrique Verri. *Prefácio e Livros I-IV da Gesta Danorum de Saxo Gramático: tradução e estudo intertextual*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- FRIIS-JENSEN, Karsten. *Saxo Grammaticus as Latin Poet: Studies in the Verse Passages of the Gesta Danorum*. Roma: L’Erma di Bretschneider, 1987.
- FULK, R. D. “Eddic metres”. In: LARRINGTON et al. *A Handbook to Eddic Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, pp. 252-70.
- GADE, Kari Ellen. *The Structure of Old Norse Dróttkvætt*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1995.
- GADE, Kari Ellen. “History of Old Nordic metres”. In: BUNDLE et al. *The Nordic Languages: An International Handbook of the History of the North Germanic Languages*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 2002, pp. 856-70.

HEIKKINEN, Sepp. The Resurrection and Afterlife of an Archaic Metre: Bede, the Carolingians and the Trochaic Septenarius. In: *Classica et Mediaevalia*, v. 65, 2014, pp. 241-281.

MOOSBURGER, Théo de Borba. *Brennu-Njáls Saga: projeto tradutório e tradução para o português*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

OLRIK, Axel. *Kilderne til Saksens oldshistorie: norrøne sagaer og danske sagn*, vol. II. København: Forlagt af Universitetsboghandles G. E. C. Gad., 1894.

SAXO GRAMÁTICO. *Gesta Danorum: The History of the Danes*, edição de Karsten Friis-Jensen e tradução de Peter Fisher. Oxford: Clarendon Press, 2014.

SNORRI STURLUSON. *Edda*, tradução e edição de Anthony Faulkes. London/Vermont: J. M. Dent/Charles E. Tuttle, 1995.

SNORRI STURLUSON. *Edda: Prologue and Gylfaginning*, edição de Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research, 2005.